

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Luiz Paulo Ribeiro
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Remanescentes do Massacre de Manguinhos

Entrevistado – Luiz Paulo Ribeiro (LP)

Entrevistador – Pedro Jurberg (PJ)

Sem data

Local: Rio de Janeiro

Duração: 55min

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RIBEIRO, Luiz Paulo. *Luiz Paulo Ribeiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, s.d. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 15p.

Projeto: Remanescentes do Massacre de Manguinhos

Entrevistado – Luiz Paulo Ribeiro (LP)

Entrevistador – Pedro Jurberg (PJ)

Sem data

Duração: 55min

PJ: Então, é uma entrevista com o Dr. Luiz Paulo Ribeiro, o tom é informal, mas os dados são importantes para nós. Fala seu nome.

LP: Meu nome é Luiz Paulo Ribeiro.

PJ: Você nasceu aonde, Luiz Paulo?

LP: Eu nasci no Rio de Janeiro, sou carioca. E eu sempre morei no Rio até a aposentadoria, que eu aí resolvi sair do Rio e vir para Nova Friburgo.

PJ: Atualmente, qual o nome desse lugar?

LP: Atualmente, isso aqui se chama sítio Cultivar e nós trabalhamos em produção de oléícolas no sistema orgânico de produção.

PJ: Qual a sua idade atual?

LP: No momento eu estou com 90 anos e esse ano eu faço 91.

PJ: Você se lembra da época... quando você entrou em Manguinhos, quantos anos você tinha?

LP: Ih rapaz! Eu posso... Deixa...

PJ: Foi antes da revolução, a revolução foi em 64. Quem foi que te convidou para trabalhar lá em Manguinhos?

LP: Quem me convidou.... Foi o seguinte: eu terminei a faculdade... Bom, eu fiz o curso de química na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, que hoje é a UFRJ, né? Eu terminei a faculdade em dezembro de 1952 e aí meu professor de Físicoquímica, foi convidado para montar um laboratório de técnicas físicoquímicas aplicadas na medicina. E ele me convidou para ir montar o laboratório com ele.

PJ: Qual o nome dele?

LP: O nome dele era João Cristóvão Cardoso. E é lógico que eu aceitei. Fui para lá e depois de uns... Não sei exatamente quanto tempo, eu já não recordo mais, o laboratório foi desativado. Porque as técnicas que eles tinham era ultracentrifugação, microscopia eletrônica e isso exigiam técnicos de manutenção que não se conseguia. Então, eles resolveram desativar esse laboratório. E aí, desativaram esse laboratório e me convidaram para fazer parte do laboratório de Bioquímica. O chefe do laboratório era o Dr. Gilberto Villela, que ficou muito amigo nosso e nós trabalhamos lá até sair de Manguinhos, do Instituto Oswaldo Cruz. O laboratório tinha outros colegas, era Luís Augusto de Abreu e a esposa dele, Regina de Abreu, que foi minha colega na faculdade. Tinha um casal de químicos, de engenheiros químicos, que eram meus compadres, que eram padrinhos da minha filha. Era o Emílio Mitidieri e a Ottilia Rodrigues Affonso. Tinha o Hélión Póvoa Filho. E cada um de nós tinha o seu laboratório, sua sala, além da sala comum. E a gente começou a trabalhar em colaboração, a gente só fazia trabalho juntos ou outras vezes na sua própria linha, cada um escolheu a sua preferencia. E eu fiquei lá até o instituto ser transferido para a fundação, ele virou uma fundação. Quando foi fundação, havia duas possibilidades que eles ofereceram: vou você o passava para fundação ou era transferido para outra unidade do Ministério da Saúde. Os meus compadres, por exemplo, foram para o Instituto de Câncer... Eu não me lembro para onde foi o Hélio... Eu não queria sair dali. Mas, também não queria ficar na Fundação, porque eu tinha feito concurso para o Ministério da Saúde e como eu.... Ah eu esqueço o nome.... O Ricardo era....

PJ: Biologista?

LP: Acho que era. O Ricardo era biologista. Mas aí, eles ofereceram uma oportunidade de quem quisesse se aposentar proporcional ao tempo que serviu lá. Aí então, eu aproveitei e pedi essa aposentadoria.

PJ: Você lembra o ano, a época? Isso antes da revolução? Depois?

LP: Não. Isso foi já depois da revolução. Durante a revolução eu estava lá. Eu não sei exatamente quando foi que eu saí, porque a cabeça já não tem mais essa documentação. Não tenho mas, eu acho que....

PJ: Você quando entrou já era formado?

LP: Eu era formado. Era o seguinte.... Como comentei, eu fiz o curso de graduação na Faculdade Nacional, no curso de Química, da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Eu saí formado em químico, a gente era Bacharel em Química. E depois eu parei um ano e no ano seguinte eu fiz a licenciatura que era um curso que....

PJ: Que permitia dar aula.

LP: Dar aula e tudo. E eu fiz no curso de formatura. Nesse curso lá da faculdade que eu conheci o João Consani Perrone que era professor de Bioquímica e o João Cristóvão Cardoso que era professor de físico-química que me chamou para Manguinhos. Quando eu saí o Perrone me ofereceu para eu ajuda-lo a montar um instituto de química da UFRJ

que estava sendo montado do Fundão, lá na cidade universitária. O instituto de química era uma união de parte de química da escola nacional de química e da faculdade de filosofia. E aí eu fui para lá, para a UFRJ. Agora eu tinha aqui.... Deixa eu ver se eu acho.... Essa foi a minha trajetória.

PJ: Você fez pós-graduação, não fez?

LP: Fiz. A pós-graduação foi o seguinte: eu fiz.... Bom, eu fiz primeiro.... Eu entrei em Manguinhos, como... eu acho que chamava verba 3, eu não me lembro. Eu sei que era um negócio assim que não tinha estabilidade, mas aí saiu o concurso e eu fiz o concurso e essa seleção. E aí eu fui habilitado. Isso foi em 1964 e eu fui nomeado em 17 de maio de 1964. Aí eu entrei na classe inicial da carreira de Biologista do Ministério da Saúde, que se chamava na época C401. Isso eu me lembro. Quando eu saí eu fui para a UFRJ e lá eu fiquei ajudando o Perrone. Foi parte das minhas obrigações as aulas. Eu me especializei em uma disciplina dentro da Bioquímica, que era enzimologia, e eu dava essa disciplina tanto na graduação, quanto na pós-graduação. Mas, antes de começar a graduação eu fui convidado para.... Como é que eu vou explicar isso.... Eu escrevi em Manguinhos um livro sobre uma técnica chamada Eletroforese em papel e nesse livro eu usei muitas informações, eu trocava muitas ideias com um professor lá nos EUA que trabalhou na mesma área, ele se chamava Wild MacDonald. Ele era da *Graduation School University* em Chicago nos EUA. E aí quando eu falei que estava com vontade de fazer uma pós-graduação, ele me convidou para fazer essa pós-graduação lá na *Graduation School*. Era lá que se formava *Master of Science* E eu fui, quer dizer, eu fiquei meio assim porque tinha uma série de exigências e de coisa. E ele resolveu na hora, foi lá resolveu e eu viajei. Eu fui como... Ele me arrumou um emprego de professor dentro da universidade e eu então, fazia os cursos de pós-graduação e dava as aulas práticas da Bioquímica para o pessoal de medicina.

[00:15]

PJ: Você dominava bem o inglês?

LP: Do inglês eu arranhava bem e não tive dificuldade nenhuma. E com isso eu fiquei lá dois anos e tirei o *Master Of Science*. Foi muito interessante, porque eu nem esperava, eu só queria trabalhar na época. Eu nem pensava em título, achava que título seria importante, mas as pesquisas é que importavam. Depois disso que fiquei na universidade e depois de um certo tempo que eu fui bolsista do CNPq e aí o CNPq resolveu que ia aceitar a minha qualificação com doutorado. E aí, eu recebi também uma proposta dos EUA, desse meu professor que me chamou para ir para lá, né? Ele me pediu para fazer um pós-doutorado no NIH (*National Institute of Health*) e eu fui, esse NIH era em Bethesda, Maryland, e eu fiz então esse pós-doutorado lá. Também eu levei dois anos e com isso eu voltei e aqui eu praticamente trabalhava em pesquisa. Aí foi ao contrário, eu não era orientado, eu era orientador do pessoal que fazia mestrado, doutorado. Eu tive vários alunos, até que a gente se aposentou. Aposentei e aí vim para cá, para Nova Friburgo. O que mais seria importante para...

PJ: Deixa eu te perguntar o seguinte: O que te levou a procurar o Instituto? Você já tinha dito que foi convidado, na realidade você percebeu que era um lugar de pesquisa?

LP: Ah sim! Eu já conhecia de nome, né? Lógico! Da fama do instituto, era tudo que eu queria, mudar para aí... Para a gente poder fazer pesquisa, porque eu sempre quis fazer pesquisa. Inclusive, eu fiz um concurso público também, que eu vinha a precisar de um emprego quando eu saísse da faculdade, e eu fui aprovado e chamado para o instituto de química agrícola do Ministério da Agricultura, que é ali no Jardim Botânico. Mas, aí quando eu disse: 'Pô, eu vou ficar fazendo rotina o resto da minha vida, fazendo análise de solo e essas coisas. Ah! Não vou não'. Aí optei por continuar em Manguinhos mesmo antes de ter um emprego, né? Porque verba 3 não era emprego. Enfim, mas, eu gostei muito lá de Manguinhos. Inclusive, porque foi o começa da minha carreira, eu tive várias satisfações, eu tive várias homenagens, inclusive isso que eu não sei se é importante ou não, mas....

PJ: Que bonito. Eu só estou vendo.... Ele recebeu pela portaria do Ministro da Saúde a medalha de Saneador do Rio de Janeiro comemorativo ao centenário do nascimento de Oswaldo Cruz. Assinou o diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Oswaldo Cruz Filho e Olympio [Arthur Ribeiro] da Fonseca, presidente da comissão. Bonito título.

LP: O *Master of Science* tem...

PJ: A Casa de Oswaldo Cruz está colecionando o acervo dos pesquisadores.... Chega um momento que a gente tem tanto papel, tanto documento, tanto livro e etc.... E aí, eles colecionam e põem em uma biblioteca especializada. Se você quiser, posteriormente, doar o seu acervo para ficar guardado para posteriormente o pessoal.... É um bom lugar. Aí vão essas coisas todas catalogadas.

LP: É, seria.... Porque, realmente....

PJ: Chega um momento que a gente tem muito documento, muito papel, muito a separar, muito livro e a gente pergunta para que, né?

LP: Eu tenho umas 10 pastas dessas dos trabalhos publicados.

PJ: Então, esse é todo seu acervo. Está em um momento, entendeu? Você vai pensar isso com calma, de você fazer uma doação a Casa de Oswaldo Cruz, aonde vai ser guardado com o devido respeito, não é? E tem a coleção.... Os meus livros todos eu vou começar, porque em um momento você vai mudando de especialidade, de interesse, e milhares de livros. O que você faz? Aí vendo para um sebo e vem um sujeito comprar aquilo e põe lá e não é isso que você imagina. Imagina que fique em um lugar.... Coleção doada pelo doutor Luís Paulo Ribeiro.

LP: Esse aqui.... Eu tenho vários, mas esse aqui foi o primeiro trabalho publicado.

PJ: Espetacular.

LP: Foi publicado no folhetim lá do Instituto Oswaldo Cruz. Foi publicado no dia 31 de junho de 1953.

PJ: Isso você pensa com carinho, está entendendo?

LP: E todos esses trabalhos aqui. Esses são os trabalhos feitos no instituto Oswaldo Cruz. Agora depois disso.... Mas, tem mais. Isso aqui foi só.... Inclusive, eu fazia trabalhos em colaboração com outros institutos, porque eu cheguei a trabalhar no Instituto de Puericultura da Universidade a pedido do diretor, para montar justamente aquela minha especialidade de eletroforese. E com isso eu fiz um trabalho junto com o Ivon Rodrigues que era de lá, que era pediatra, inclusive dos meus filhos, e o trabalho foi publicado na integra nesse jornal de pediatria que foi dedicado ao do trabalho vencedor do prêmio Nestlé em 1957.

PJ: É uma história que tem que ser guardada.

LP: Ganhamos esse prêmio, mas a satisfação do que....

PJ: Do que o prêmio.

LP: Não tinha nada, né?

PJ: A gente já vive pelo aplauso. É que nem artista, vive pelo aplauso.

LP: Então, eu tenho todos os trabalhos que eu publiquei.

PJ: Você vai pensar que tem um bom depositador do seu acervo, que é a Casa de Oswaldo Cruz. Tem todos os pesquisadores doam todo o seu material, os livros e tudo isso. Doam em vida.

LP: Eu vou conversar, porque....

PJ: É. Conversa isso.

LP: Porque, a minha filha agora resolveu entrar na área agrônômica, mas os meus livros das técnicas que eu usava, das aulas de onde eu estudava, os livros de simbologia e tudo não fazem sentido para ela estudar em um livro desse. Se ela não vai ser especialista naquilo, ela não vai nem nunca pegar. E eu vou conversar aí.

PJ: Conversa. E esse seu material.... Por exemplo.... Os livros são uma coisa, tem que fazer. Agora esse seu acervo é espetacular, é riquíssimo e só vale se tiver dentro de um acervo. Não vale você ficar guardando para você, não vale. Tem que estar em um lugar.

LP: Amanhã.... Eu não vou dura tanto tempo assim mais, com certeza, e a pessoa ainda vai ficar atrapalhada com esse monte de livro.

PJ: Aí vem um cara do sebo e diz assim: eu compro aquilo. E aí não vai ser dado o devido valor. Agora deixa eu te perguntar uma coisa.

LP: Vamos lá.

PJ: Fala dos seus colegas da época, como é que era?

LP: Olha, no laboratório era uma amizade grande entre todos. Eu tinha principalmente, é lógico os meus compadres, mas todos se davam muito bem. O [Gilberto] Villela era um cara muito espetacular, a gente trabalhava junto dependendo do trabalho. Às vezes era com ele, outras vezes era com.... Eu fiz trabalho com todos os colegas em colaboração nossa, né? Entre.... Por exemplo, esse aqui foi eu, a Regina que é mulher do Abreu e o Villela. Então, a gente fazia os trabalhos em colaboração. Quando precisava usar uma técnica que um deles era especialista, como no meu caso, quando o caso tinha eletroforese, a turma sempre me chamava. Não, vem ajudar a gente. Vamos fazer juntos. Então, a gente tinha um biotério dentro do laboratório.

[00:30]

PJ: Você, logo que ingressou no Instituto Oswaldo Cruz, tinha um vínculo financeiro ou esse vínculo veio mais tarde pelo verba 3?

LP: Eu fui contratado, eu acho, como bolsista. Eu acho, mas não tenho mais certeza, porque eu nunca guardei papelada dessas coisas. Mas, depois eu sei que foi verba 3. E que depois foi feito o concurso para qualificação e eu passei a ser.

PJ: A localização do seu laboratório era ali no Quinino, não é?

LP: É, no Quinino.

PJ: Sempre foi. Por que se chama Quinino?

LP: Não sei. Eu acho que antigamente era fábrica de quinino.

PJ: Fábrica de quinino. Em Guapimirim, ali na sub7 era plantação da planta que se extraía o quinino. Na época da guerra se plantou muito lá e aí depois com o parque e tudo isso se refez.

LP: Por causa da febre. O quinino é....

PJ: O quinino é febre e..... Eu acho que é malária.

LP: É uma dessas.

PJ: Bem, e o seu ambiente de trabalho, você já descreveu mais ou menos que cada um tinha uma sala, tinha um laboratório comum, o seu chefe era o Villela, o relacionamento conhecendo você como eu conheço era bom, tinha algum....

LP: Não, não tinha não. A gente tinha.... Comigo nunca teve, com os outros eu não sei, porque se houve lá eu não posso. Não sei dizer. Assim, público não teve nada de desavença que eu saiba.

PJ: Agora no laboratório se discutia política institucional? Quer dizer, que a gente era fundação, instituto.

LP: Não. Se comentava só desse problema de verba 3 e coisa, porque você não tinha a menor garantia de emprego, na realidade a gente não tinha garantia. No meu caso em particular, eu não estava nem aí, eu dizia.... Eu preferia trabalhar assim do que entrar no concurso que eu fui reprovado. Porque para mim eu era um pouco.... Como eu comentei, eu inclusive dormia às vezes lá nas torres de Manguinhos para poder acordar.... Para sair de lá 2, 3 horas da manhã do laboratório e não poder ir para casa, para pegar a Avenida Brasil naquela época não é igual a hoje.

PJ: Não, hoje você vai ser assaltado com certeza.

LP: Eu cheguei a pegar o mar vindo até a Avenida Brasil, eu me lembro vagamente.

PJ: Subia-se de charrete.

LP: Ah! Sim.

PJ: Antigamente a pessoa que conduzia a charrete era mal-humorado, porque ele ficava subindo e descendo. Esse tempo eu peguei. Agora, a política institucional, onde o pessoal discutia salário, vai ficar, não vai ficar, então, mais ou menos eu peguei 10 anos depois. Agora, o seu chefe falava sobre política do governo?

LP: Não. A gente lá não comentava política de modo geral, eventualmente uma coisa ou outra de algum ato.

PJ: Um escândalo desse que era tão raro.

LP: Naquela época não teve lava jato e tudo. A gente não comentava muito essas coisas não.

PJ: Ele trabalhava em outro local ou ele tinha dedicação total?

LP: Ele só trabalhava lá, ele era dedicado também lá.

PJ: E havia rigidez no cumprimento de horário ou todo mundo?

LP: Não. O pessoal de um modo geral ia além do horário, porque.... Eu, por exemplo, nem se fala né? Bom, eu também era solteiro e isso também ajuda.

PJ: É. É um divertimento, uma ocupação. Não tinha televisão, jogo de futebol só domingo....

LP: Só domingo.

PJ: Agora eu estou querendo saber o impacto da revolução, porque mesmo a gente não sendo vinculado ativamente aquilo tem um mal-estar.

LP: Deu, inclusive, teve perseguições.

PJ: Fala um pouquinho dessa época.

LP: Que eu me lembre um diretor que.... Eu esqueço o nome dele.... Mas, ele foi posto pela revolução lá. Inclusive, dizem que o ministério falou que aquele fulano, fulano de tal, que eu não me lembro realmente o nome e não é que eu não queira dizer o nome dele, é que eu não lembro. Dizendo que ele não era um bom administrador.

PJ: Não era o [Rocha] Lagoa?

LP: Não sei, eu não me lembro.

PJ: Porque, o [Rocha] Lagoa quando foi colocado como diretor, quer dizer, a voz corrente que está aparecendo nos documentos todos falando que o pessoal o acusava de que ele não era um bom pesquisador, mal administrador.

LP: Pois é, então deve ser esse. Mas, o governo dizia que ele não era isso, não era aquilo [inaudível] mas era um ótimo anticomunista.

PJ: Esse é o Lagoa. Isso nas publicações está exatamente isso: não era bom pesquisador, não era bom administrador, mas era um ótimo anticomunista. Você se lembra como reagiu, quer dizer, a cassação? Quer dizer, o que aconteceu, que tipo de impacto você pensou?

LP: Não, para mim eu sempre fui muito apolítico, sabe? Eu não gostava de me envolver o que eu queria era trabalhar nas minhas pesquisas, era aquela coisa. Mas, eu ficava indignado com esse negócio de expor o sujeito, é um cientista, trabalhando e o cara vem.... Tinha lá uns problemas lá. Eu me lembro que os mais visados eram: o Herman Lent, Masao Goto e Moussatché, o Haity [Moussatché] era amiguíssimo meu. Ele consertava os aparelhos dele, aquelas medidas lá que ele fazia em Petrópolis em um cara lá, então quando ele tinha que ir lá ele me chamava. “Luís, me leva lá”. Eu tinha um fusquinha, então a gente ia lá e a gente passava o dia inteiro juntos.

PJ: Ele era muito agradável.

LP: É. Além do que na subida a gente comia um cacho de banana ouro, que a gente comprava na estrada, que ele adorava e eu também gostava. A gente subia.... Era divertido, rapaz.

PJ: Eu vou deixar para fazer os comentários que eu tenho que são semelhantes para depois para não ficar.... Eu vou fazer só coisa.... Depois da cassação isso foi em 60.... Não foi em 70, né? Você já tinha saído de Manguinhos?

LP: Ih rapaz! Quando é que eu fui para a universidade? A data.... Eu saí de Manguinhos mais ou menos quando Manguinhos passou para a Fundação.

PJ: Fundação. Está ok. Isso aí depois eu determino a data.

LP: Porque, eu não me lembro. Tem que procurar na papelada minha, eu devo achar onde é que está.

PJ: Vou te perguntar uma coisa: você considera que foi proveitosa a sua estada no IOC, né?

LP: Foi excelente, eu fiquei realizado. Porque era uma coisa, eu consegui o meu objetivo que era esse que está aqui, fazer pesquisa.

PJ: Tinha liberdade de pesquisa, não tinha?

LP: Completamente. Não que eu não.... A gente comunicava o Villela.

PJ: Sim, mas você tinha o seu caminho.

LP: Tinha a minha área de pesquisa que eu elegi, que foi essa. E que inclusive, eles utilizavam, me chamavam.... “Não, vem cá, vamos fazer juntos”.

PJ: Teve problemas em fazer pesquisa pura, aplicada?

LP: Não. Mas, a gente sempre fez.... Eu fiz uma parte de pesquisa pura, mas sempre fiz também muita pesquisa aplicada. Por exemplo, quando eu passei para enzimologia lá, eu só trabalhei em creptorização de sistemas enzimáticos ligados a coisa. Foi em helmintos, barbeiro.

PJ: Havia.... Que eu levantei.... Havia uma classificação do grupo de lá, quer dizer havia uma certa.... O pessoal da pesquisa olhava com maus olhos o pessoal da produção, achando que aquilo era rotineiro, você viveu esse clima ou não?

LP: Não, quer dizer, eu sei que alguns achavam que existia esse clima, mas eu acho o seguinte: todas as áreas são importantes. Não existe essa elitização que alguns pretendem estabelecer.

PJ: Você achava que o pessoal, os pesquisadores desse laboratório, dos cassados e etc. dos mais antigos, eles eram elitistas?

LP: Eram, eu acho que eram. Eles eram muito, de um modo geral eles achavam que o resto era resto. Isso é verdade. Eu me lembro que quando a gente publicou um livro de eletroforese, eu, feito com o Emilio, eles não queriam publicar de jeito nenhum. Porque, existe a série de monografias do Instituto Oswaldo Cruz e era para ser uma monografia do Instituto Oswaldo Cruz. Então, o argumento que eles usavam.... Isso eles disseram para nós, não foi por traz das cortinas. “Vocês são muito moços para escrever um livro”.

PJ: Um certo elitismo. Só quem podia fazer coisa boa era a elite.

LP: Então, a gente....

PJ: Uma outra coisa que eu percebi, quer dizer, e eu quero saber o que exatamente você pensa. Havia uma divisão que a gente se colocava, quem trabalha e quem não trabalha.

Porque, em Manguinhos, a estrutura de Manguinhos permite o cara passar em brancas nuvens. Se você quiser você trabalha de manhã, à tarde, dorme lá e etc. Mas, se você não quiser fazer nada....

LP: Ah tem! Tinha laboratórios que o pessoal ia lá fazer turismo praticamente.

PJ: Que não fazia nada. É verdade a existência do pessoal que não fazia nada.

LP: Tinha. Eu não sei não é que eu não queira dizer, não queria mencionar, eu não lembro quem não fazia nada. Na época a gente sabia, hoje se você me perguntar os caras.... Eu conhecia todo mundo, mas só lembro de uns, eu só lembro de alguns.

PJ: Dos alguns.

LP: Dos que eu mais convivia, dos que eu tinha um relacionamento, que eram [Haity] Moussatché, Herman Lent, Masao Goto, os outros eram os outros.

PJ: Era comum, quer dizer, Manguinhos além de conhecimento, dava status, né?

LP: Isso sem dúvida, era um centro de referência.

PJ: E tinha gente que usava esse status para conseguir coisas fora do instituto e não trabalhava, né?

LP: Provavelmente.

[45:00]

PJ: Não precisa citar nomes.

LP: Mas, isso existia.

PJ: A gente lembra de um ou dois.

LP: Isso aí não tem jeito.

PJ: Manguinhos tem isso, ele é uma mãe. Sentido que abrigava os bons filhos e os filhos pródigos. Quer dizer, você não sofreu nenhum que não respondeu inquérito, não foi nem inquérito que chamava.

LP: Não. E depois eu também viajei para os EUA com duas oportunidades, fiquei fora quatro anos e justamente dentro dessa época mais ou menos.

PJ: Você não chegou a sofrer nenhuma perseguição por parte do [Rocha] Lagoa, né?

LP: Não, eu não.

PJ: E, quer dizer, então, você se dava com o diretor?

LP: Eu nunca me dei bem assim com nenhum diretor... A não, tinha um que eu fiquei assim mais.... Até chegamos a conversar.... Teve o Amilcar [Viana Martins]....

PJ: Amilcar era da administração.

LP: Viana Martins?

PJ: Ah não teve o diretor, Amilcar Viana Martins.

LP: Com esse diretor eu até tive conversas pelo seguinte: lembra que eu te falei que eu gostava de sair com a Dirce [Lacombe] para catar os bichinhos no domingo e não sei lá mais quem. E ela se dava muito com ele, eu não sei se ele trabalhou também com esse bichinho que ela enchia.... Ele era do museu nacional?

PJ: Não, ele era de Belo Horizonte.

LP: No Museu Nacional tinha um também.

PJ: Tinha um Nilton....

LP: Eu não me lembro.

PJ: Tinha o José Candido.

LP: Não, não é esse. É um trabalhava com os mesmos bichos....

PJ: E o Nilton Santos, que ele tinha relação de trabalho com a Dirce, que eu me lembro.

LP: Pode ser que seja esse nome, eu não lembro, que ele trabalhava com os mesmos bichos. Mas, ele dava força ao Amilcar e ele dava força para o pessoal jovem também.

PJ: Eu estou terminando. Teve que sair do IOC? Não. Respondeu a algum inquérito? Não. Sua vida profissional foi prejudicada? Não, porque você seguiu outro caminho, né? Suas atividades você já colocou atualmente quais são suas atividades, que é esse sitio maravilhoso, com as suas atividades. Fala só um pouquinho de você. Você tem dois filhos....

LP: Bom, do meu primeiro casamento eu tive um casal. A menina, que aliás é afilhada do Emilio e da Ottilia que trabalhava comigo lá em Manguinhos. E o rapaz fez agronomia e faleceu já tem não sei quantos anos, ele faleceu perto dos 40 anos. Ela mora em Niterói e a gente não se comunica muito não. A minha filha desse casamento atual, a Carolina, elas se comunicam direto, é todo dia, trocam ideias, e dão notícias minhas e ela depois me dá notícias.... (risos) Eu não gosto de falar em telefone, eu falo por obrigação, mas que eu não gosto, eu não gosto. Podendo evitar, eu evito. Acho muito chato. É coisa de velho, né? Mas, as duas se dão muito bem. A não ser no meu aniversário que a Ana vem e no aniversário dela eu não vou não.

PJ: Que dia você nasceu?

LP: Eu nasci no dia 04 de outubro do 1926. Quer dizer, esse ano eu faço 91 anos, se eu chegar até lá, né?

PJ: Vai chegar. Aqui eu tenho acesso a sua vida, com a vida que você levou.

LP: E a gente está envolvido nessa atividade aqui, que era uma coisa que eu queria. Quando eu me aposentei da faculdade, lá da universidade, o pessoal chiou.... “Você é maluco, você tem muito dinheiro” E eu tinha mesmo, não para mim, para pesquisa. O CNPq me dava tudo que eu pedia dentro das.... Mas, também eu não pedia nada que extrapolasse. Eu tinha muito aluno de pós-graduação, que eu orientava, então tinha muitos trabalhos publicados por causa das teses eram que eram feitas. Aí eu comentei com eles: “Vocês me desculpem, eu vou me aposentar, mas não é para ficar jogando baralho na praça e nem carregando gaiola de passarinho. Eu vou, porque eu quero ter uma atividade e que eu tenho que sair daqui para poder ter. Eu quero fazer outra coisa, uma coisa diferente, mas que me dará prazer. Uma coisa que eu gosto, eu posso ser agrônomo?” Aí eu saí. Eu gostava também da universidade, modéstia à parte. Esse mundo (inaudível), eu dava boas aulas, eu levava a sério o negócio. Mas, agora todo mundo se evoluiu em agricultura. A Jo fez mestrado em agricultura orgânica lá na universidade rural.... Eu cheguei a dar aula na Universidade Rural, quatro anos. Eles me pediram para montar uma disciplina, chamada bioquímica 1, era uma bioquímica básica para os agrônomos e para outros cursos, porque não tinha. Era dada junto com, eu acho, fisiologia vegetal. E eu fiz o curso, montei o curso e fiquei lá quatro anos fazendo concursos. Eu fiz concurso para colocar os professores lá, eu cheguei a fazer dois ou três concursos. Entraram pelo menos uns quatro, ou tinham mestrado ou doutorado feitos lá com a gente, lá no Fundão. Mas, depois que estava tudo estabilizado eu saí, fiquei só no Fundão, porque era muita.... Esse negócio de ir e vir, né? Eu saía, agitava o que tinha que agitar, dava aula também, dava uma aula para ajudar o pessoal e voltava. Quem dava aula lá também era o Herman Lent.

PJ: O doutor Hugo [de Souza Lopes].

LP: Ah é... O doutor Hugo. O Hugo deu aula lá. Lá do Fundão, o Oracy [Nogueira], também. O Horácio Macedo, também deu aula lá. Então, a gente ajudava para montar o.... E é isso. E aqui agora a minha filha também. Fez pós-graduação....

PJ: Essa é sua segunda filha, filha do seu segundo casamento?

LP: É, filha da Jo.

PJ: Qual o nome dela?

LP: Carolina Olga.

PJ: Carolina Olga.

LP: Ela não está aí não, está na rua. Está com uma turma aí, com umas amigas, um amigo. Chegaram do Rio ontem duas horas da manhã, parece. Hoje ela já teve na feira com a Jo e iam para a cachoeira. Ela gosta disso, vai para as cachoeiras e trabalha. Ela é um pé de boi, inteligente e fez mestrado também. Defendeu a tese já.... Mestre em agricultura orgânica.

PJ: Que legal.

LP: Vamos lá.

PJ: Olha, eu terminei. Foi muito agradável. Eu não sei se saiu gravado, né? Tenho até medo dela, mas enfim....